

3.2 – LISBOA, AGOSTO DE 844

Depois do ataque na região corunhesa e uma vez derrotados pelo exército de Ramiro I, os vikings seguiram para sul, conforme contam os *Anais de São Bertino* e as crónicas das Astúrias. Segundo o *Muqtabis* de Ibn Hayyan, citando uma passagem do trabalho de Ahmad ibn Muhammad al-Razi, os nórdicos chegaram a Lisboa no dia 1 de Dhu-al-Hijjah do ano 229 da Hégira, a que corresponde a data de 20 de Agosto de 844³. É dito que permaneceram treze dias na região e que enfrentaram tropas locais em três ocasiões. Ao mesmo tempo, o emir Abd al-Rahman II colocou as zonas costeiras em alerta, após ter sido informado pelo governador de Lisboa que, numa mensagem enviada para Córdova, contava o sucedido e referia a presença de cinquenta e quatro navios nórdicos e cinquenta e quatro *qaribs* no território lisboeta (Ali Makki & Corriente 2001: 312). Ibn Idhari repete a informação contida no *Muqtabis*, mas oferece um número alternativo para a dimensão da frota viking, dizendo que tinha oitenta navios (Fernández González 1999: 120-1), enquanto al-Qutiya conta que os nórdicos desembarcaram na costa mais a ocidente e ocuparam a área em redor de Lisboa (James 2009: 100).

Se tivéssemos apenas o relato preservado por Ibn Hayyan, o primeiro ponto a analisar seria o de perceber o sentido exacto das palavras contidas no *Muqtabis*, nomeadamente se a referência a Lisboa devia ser entendida como sendo a cidade ou a circunscrição administrativa à qual ela presidia. Felizmente, o trabalho de Ibn al-Qutiya permite-nos perceber que foi toda a região que esteve sujeita à actividade dos marinheiros nórdicos. O que, ainda assim, não clarifica se eles entraram no espaço urbano de Lisboa ou se se ficaram pela área em redor. Christophe Picard não arriscou uma resposta, embora o autor francês pareça acreditar que a cidade estava aberta aos vikings quando eles regressaram a norte alguns meses depois, o que pode sugerir que a tinham tomado ou, de alguma forma, assumido o controlo dela (2000: 209). Também não conhecemos ao certo qual seria o estado de conservação das muralhas de Lisboa em meados do século IX, o que quer dizer que também não sabemos até que ponto ela podia defender o espaço urbano de um

³ Os meus agradecimentos ao Carlos Guardado da Silva e ao José António Madruga Carvalho por me terem disponibilizado correspondências exactas para as datas islâmicas.



ataque nórdico. A questão talvez pudesse ser clarificada se acreditássemos no que é dito na *Crónica do Mouro al-Razis*, que conta como os “hereges” (isto é, os vikings) desembarcaram em Lisboa e, apesar de não terem conseguido tomar a cidade, derrubaram uma torre e parte da muralha de forma a acederem a uma fonte (Catalan & Soledad de Andres 1975: 373-4). Mas o problema é que o texto não é fidedigno, dado tratar-se de uma combinação de duas traduções castelhanas daquilo que por sua vez era já uma tradução portuguesa de século XIII do trabalho de al-Razi. A obra é de tal forma pouco credível e o autor considerado um falsificador, que os editores modernos chamam à crónica um pseudo-Razis (Catalan & Soledad de Andres 1975: xix-xxv). Por isso, não sabemos se Lisboa propriamente dita resistiu ao ataque viking de 844 ou se as muralhas foram quebradas pelos nórdicos. E a referência a um regresso a norte com nova passagem por Lisboa pode ser apenas uma passagem e nada mais, até porque a geografia a isso obriga.

Se não há certezas para o espaço amuralhado, talvez se possa supor alguma forma de impacto para as áreas extramuros. Claro que, para isso, teríamos que saber ao certo qual era o traçado da muralha de Lisboa em meados do século IX, mas não é seguro se era idêntico ao da chamada cerca moura que os cruzados encontraram em 1147 ou se abrangia áreas a ocidente do actual largo de Santo António. Sabemos que parte do traçado sobrepôs-se a estruturas defensivas romanas, conforme indicado pelos vestígios localizados sob a Casa dos Bicos, onde foram descobertos restos de um bastião romano debaixo da cerca moura (Guardado da Silva 2008: 46). Mas isto refere-se à porção ribeirinha da muralha, onde o rio seria um limite natural que se terá mantido durante bastante tempo, não se podendo supor o mesmo para espaços onde a ocupação humana vem desde o período pré-romano, como é o caso da baixa lisboeta. Entramos, por isso, no domínio do hipotético: assumindo que a cerca moura seguia na totalidade o traçado da muralha romana do século IV e embora não se possa dizer qual o seu estado de conservação em 844, os vikings talvez tenham atacado os arrabaldes extramuros de Lisboa, nomeadamente Alfama e as áreas mais ou menos em redor das actuais igrejas da Madalena e de São Cristóvão. Porque se estavam fora da linha de defesa, então seriam espaços mais expostos a investidas militares, inclusive durante uma tentativa de romper as muralhas. E isto assumindo ainda a existência desses bairros em 844.



Todas estas dúvidas prendem-se também com o facto de nenhuma das fontes medievais localizar as três batalhas que as forças locais tiveram contra os nórdicos. Sabemos apenas o número, pelo que, à falta de mais dados – escritos ou arqueológicos – resta-nos listar um conjunto de sítios e estruturas que, caso existissem em meados do século IX, também podem ter sido palco de confrontos: é o caso de uma fortificação no topo da penha de França, de uma torre de vigia que talvez existisse na actual rua da Atalaia, no Bairro Alto, da fortaleza de Catalazete, hoje no município de Oeiras, e de uma outra torre na área do Jamor (Rei 2007: 35-6). Há que considerar também a existência de um pequeno núcleo urbano na actual área de Santos-o-Velho (Almeida Fernandes 2007: 75), cuja localização ribeirinha deixava-o exposto a ataques vindos do rio, e ainda a possibilidade de confrontos em pontos na margem sul do Tejo, como é o caso de Almada ou ainda da Atalaia, no Seixal (Rei 2007: 30-1 e 36). E isto assumindo, uma vez mais, que o topónimo está relacionado com uma estrutura que estaria de pé no século IX. Sintra e Cascais também não podem ser postas de parte.

Se o itinerário exacto dos vikings na região de Lisboa é uma questão que oferece poucas certezas, já a descrição da frota viking permite colocar uma hipótese interessante. Recorde-se que, segundo o *Muqtabis*, chegaram a Lisboa cinquenta e quatro navios nórdicos e um número igual de *qaribs* ou embarcações pequenas. Os números, já se disse, devem ser encarados com algum cepticismo, uma vez que, caso os entendessemos como exactos, teríamos que concluir que a frota viking que surgiu ao largo de Gijón e que atacou a região corunhesa em 844 tinha, ao todo, cento e sessenta e oito navios (os que chegaram ao Tejo mais os que foram queimados na Galiza). Frota que, recorde-se, seria apenas parte da que entrou no Garonne, em França, segundo os *Anais de São Bertino*. Um grupo enorme, por outras palavras, e o cepticismo é reforçado pela perfeita simetria da frota, com um número exactamente igual de dois tipos de embarcações. Mais facilmente se crê, portanto, que estamos a lidar com estimativas. Mas a distinção entre os dois tipos de navios, uns descritos como nórdicos (de acordo com a tradução espanhola do árabe) e outros como apenas pequenos, sugere que, pelo menos aos olhos de um lisboeta da época, os vikings chegaram num misto mais ou menos equilibrado de embarcações estrangeiras e outras que, ao que parece, eram familiares o suficiente para serem descritas apenas como *qaribs*. O



que levanta a hipótese (e apenas hipótese!) de, após terem perdido vários navios na Galiza (ainda que não exactamente sessenta), os nórdicos talvez tenham tentado repor os números da sua frota roubando embarcações ibéricas à medida que navegavam para sul, chegando a Lisboa com a referida composição meio familiar para os lisboetas. Claro que isto supõe a ocorrência de ataques costeiros entre a Corunha e o Tejo, algo de que não existe qualquer notícia. O que não quer dizer que não tenham acontecido, porque pode ser apenas um caso de registos escritos que nunca se fizeram ou que não chegaram aos nossos dias. Uma vez mais, é preciso não esquecer que dispomos apenas de fragmentos de informação. E importa ainda recordar o estatuto dos territórios entre o norte cristão e o sul muçulmano que, por estarem desligados dos dois blocos e organizados localmente – o tal “ermamento” – teriam menos probabilidades de produzir ou de figurar em registos escritos, como crónicas ou doações. E assim sendo, os vikings de 844 podem, por exemplo, ter entrado nos rios Douro e Vouga, pilhado e capturado navios e sem que tenham sobrevivido notícias desses acontecimentos.

O cruzamento de informação cronológica oferece-nos ainda a possibilidade de uma viagem lenta entre a Corunha e o Tejo, o que pode reforçar a possibilidade de outros ataques na Galiza e no que é hoje a costa portuguesa. A *Crónica Profética*, recorde-se, coloca a chegada dos vikings à península Ibérica a 1 de Agosto de 844, enquanto o *Muqtabis* diz que os nórdicos atingiram Lisboa a 1 de Dhu-al-Hijjah de 229 ou 20 de Agosto de 844. Há, por isso, um hiato de cerca de vinte dias entre os acontecimentos no norte da Galiza e a região lisboeta. Mas a viagem entre os dois pontos podia ser levada a cabo em poucos dias, como o fizeram os cruzados de 1147, de acordo com o relato do *Expugnatio- ne Ljxbonensi* (Nascimento 2007: 73-7). E isto abre várias possibilidades sobre a duração dos acontecimentos no norte da península Ibérica. Assim, o ataque na região corunhesa pode ter sido curto, durando apenas alguns dias até à derrota dos vikings, que depois demoraram cerca de duas semanas a chegar a Lisboa, talvez levando a cabo pequenos ataques ao longo da viagem. Em alternativa, a investida na Corunha pode ter sido prolongada, deixando aos nórdicos apenas alguns dias para atingirem o Tejo. E esta segunda hipótese significaria também que os vikings podem ter tido a oportunidade de se instalarem temporariamente no norte galego, por ventura até afastando-se da costa rumo ao interior, e



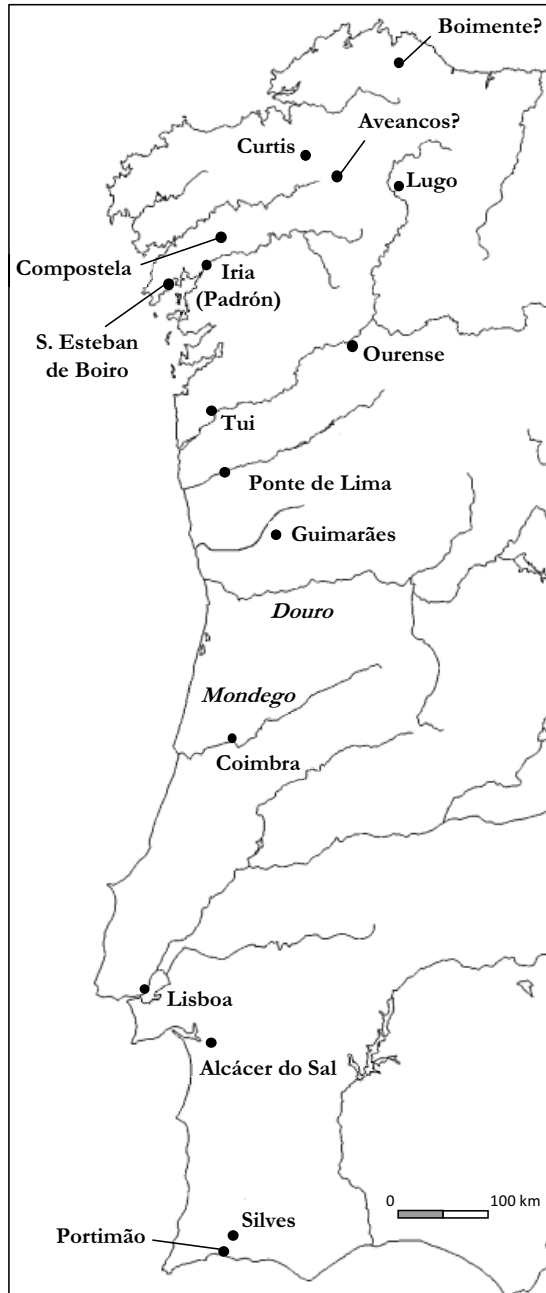


Figura 4: Locais (possivelmente) ligados aos ataques do século X e outros referidos no texto (e.g. Coimbra).